Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

UMA TEOLOGIA LIBERTADA E LIBERTADORA: A HERMENÊUTICA POLÍTICA A PARTIR DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTMANN

José Cleiton Barbosa[1]

Resumo

Este estudo procura abordar o saber teológico na perspectiva da libertação considerando a hermenêutica política como espaço para promoção da vida plena. Frente aos desafios para uma compreensão e vivência do lugar da teologia nos diversos espaços da sociedade, a pesquisa reflete sobre a perspectiva da memória da Cruz de Cristo e a influência que o saber teológico pode sofrer ou realizar sobre o discurso e fazer político. A abordagem baseia-se na perspectiva teológica de Jürgen Moltmann partindo do seu texto "O Deus crucificado" e pretende apresentar a sua teologia na dimensão de uma práxis libertária.

Palavras-chave: Memória. Práxis. Cruz.

1 INTRODUÇÃO

A teologia ao longo da história estruturou-se a partir de demandas externas ao próprio componente comunitário mais próximo, a Igreja. Diversas formas de perceber e atuar na realidade estiveram presentes tanto na construção teórica como na práxis que retirava dela seu fundamento e justificação.

O campo da política, em meio a tantos outros espaços que influenciaram e se deixaram influenciar pela teologia foi e é em larga medida reflexo daquilo que de mais questionável e de mais louvável pode-se resumir de séculos de um caminho que ainda não acabou e nem deve ter

[1] Bacharel em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão Religiosa e Paroquial, e na área da Formação para Reitores de Seminários, pela Faculdade Dehoniana - Taubaté-SP; Mestrando nos programas de Teologia e Direito Canônico da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: sem.cleiton@yahoo.com

fim. A teologia aqui olha para si com necessidade de autocrítica e de um despertar para uma consciência de si e de seu lugar no mundo.

Recoloca-se a gravidade de perceber o discurso teológico e a práxis eclesial como ainda detentores de um lugar privilegiado e necessário que não é neutro e nem se pode apelar para tal ilusão sob o risco de subtrair o seu diferencial, sua identidade, falar a partir da lógica do Reino de Deus e para a promoção deste mesmo Reino no mundo.

2 APANHADO CONTEXTUAL ACERCA DA TEOLOGIA POLÍTICA

A partir do século XX existe uma clara mudança no debate contemporâneo acerca da relação entre a fé, espaço público e a práxis cristã. A reconfiguração deste caminho está alinhado na proposta teológica de uma Teologia Política de pensadores europeus como Jürgen Moltmann e Johann Baptist Metz. Este recorte histórico favorece centrar o estudo a partir de elementos que surgiram apenas neste período mais recente da história sobre os quais a teologia também se detém. Destacando a figura de Metz por reconfigurar a estrutura do pensamento sobre a relação entre saber teológico e suas implicações nas questões políticas e desenvolver este campo de um modo mais claro, cabe sublinhar o que aponta Francisco de Aquino Júnior:

> É com eles que a expressão TP adquire estatuto teológico e marca uma nova etapa na teologia europeia, caracterizada pela passagem de uma perspectiva de cunho transcendental-personalista-existencial para uma perspectiva marcadamente social e política (Aquino, 2024, p. 34).

Agora o nível de reflexão salta para uma abordagem marcadamente histórica, política e social. A mística individualista, uma subjetividade fechada e o não compromisso social que expunha o modo se ser de uma sociedade marcada por crises do período como o pós-guerra e a forte crise do modelo e expressões do capitalismo agora encontra possibilidade de renovação no campo do saber teológico. Tanto a construção teológica da Europa como o nascimento e estruturação da teologia latino-americana assumem um dado

em comum: a experiência da fé cristã não nasce e nem deve ficar indiferente às estruturas que viabilizam a morte da dignidade da pessoa humana.

A proposta de Metz conceitua elementos que desmascaram o projeto ideológico que sustentava aquilo que ele mesmo chama de Antiga Teologia Política. Em contraposição a este conteúdo, indica uma Nova Teologia Política alicerçada em novas bases e servindo a novos valores. "A expressão "antiga teologia política" é tomada num sentido crítico-pejorativo e remete tanto à TP estoica quanto às diferentes formas de constantinismo ou instrumentalização política do cristianismo ao longo da história" (Aquino, 2024, p. 39). A distinção apresentada por Metz evidencia que nenhuma teologia é fruto de um ambiente totalmente neutro e muito menos está livre de contradições internas e vínculos exteriores. As estruturas externas e internas de todo edifício teológico fundamenta e legitima realidades que se desenvolvem nos mais complexos âmbitos das relações humanas. Resta sempre renovar o questionamento sobre a quem ou a o que a elaboração teórica e práxis teológicas estão servindo. A Nova Teologia Política, por assim dizer, assume notas distintivas claras porque pensada em contexto novo, com agentes novos e com demandas novas.

> A "nova TP" surge, portanto, em diálogo crítico-criativo com o mundo moderno, simultaneamente, como uma teologia moderna (crítica) e como uma teologia em ruptura (dialética) com a privatização moderna da fé, da religião e da teologia, bem como com as teologias de alguma maneira vítimas e/ou cúmplices dessa privatização (Aquino, 2024, p. 39).

A Nova Teologia Política assume para si um novo lugar e nova função. Ela elucida novas abordagens frutificadas do diálogo indesejado, porém assumido com a temida modernidade que por muito tempo assombrou os corredores das catedrais. Como afirma Aquino Júnior: "a 'nova TP' tem uma função crítico-corretiva diante da tendência moderna de privatização da religião presente nas várias teologias que tentaram um diálogo positivo com a modernidade" (Aquino, 2024, p. 40).

Religião e teologia buscam um lugar de fala frente aos novos desafios da comunidade global que emergem diante do grande empreendimento que é a construção de um futuro humanitário. "Trata-se de repensar modernamente as relações entre religião e sociedade, entre fé e práxis social" (Aquino, 2024, p. 41). A teologia, o teólogo e a comunidade de fé de onde e para onde primeiramente fala é o termômetro que afere a veracidade e necessidade do novo modo da teologia se portar. Assim, "a Teologia Política é entendida como "consciência crítica das implicações sociais e das tarefas do cristianismo" (Aquino, 2024, p. 38).

Depositária de uma memória comunitária dos elementos necessários da sua epistemologia a teologia pode fazer eco à sua vocação primordial estruturar modelos pastorais que resgatem os valores do Reino de Deus. Espaço privilegiado para este debate teórico e construção prática é a política. Uma teologia que preste ao serviço do Reino de Deus, permite-se reelaborar seu discurso para dentro da comunidade de fé e para fora do círculo fechado desta mesma comunidade. O contexto político, longe de ser reflexo do anti-reino é território onde a esperança pode ganhar força e até concretude.

3 PARA UMA LIBERTAÇÃO DA TEOLOGIA: A TEOLOGIA DA CRUZ ENQUANTO CRÍTICA À INTELECÇÃO DA FÉ

A linha tênue que separa fidelidade do cristianismo à sua vocação primeira de libertação da pessoa humana e a sempre presente ameaça de relevar elementos de sistemas ou sistemas inteiros que não coadunam com o Reino proposto por Jesus é uma realidade que desafia uma posição cada vez mais clara da teologia. Tanto a reflexão teológica como a comunidade de fé não devem existir como meios de legitimação ideológica de realidades contrárias à manifestação do Reinado de Deus no mundo e deve ter consciência que

> Reino de Deus que Cristo anuncia não é libertação deste ou daquele mal, da opressão política dos romanos, das dificuldades econômicas do povo ou só do pecado. Reino de

> Deus não pode ser privatizado a este ou àquele aspecto: ele abarca tudo, mundo, homem e sociedade; a totalidade da realidade deve ser transformada por Deus (Boff, 1986, p. 42).

Enquanto crítica ao modelo teológico de dominação que oprime, encontra-se o pensamento de Jürgen Moltmann. Segundo sua perspectiva o pensamento teológico, e por assim dizer, as instituições religiosas, confrontando-se com o substrato histórico de representações de modelos assumidos, incentivados e subsidiados por diversas teologias podem e devem operar uma ruptura radical com o sistema de dogmas e práticas incapazes de gerar e conservar os valores do Reino. A construção consistente da consciência crítica, com suas implicações sociais e tarefa históricas recai como dever presente para a comunidade eclesial que reflete e pode concluir que o "Reino de Deus, ao contrário do que muitos cristãos pensam, não significa algo de puramente espiritual ou fora deste mundo. É a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus" (Boff, 1986, p. 43).

Moltmann redescobre e apresenta a cruz como ponto de crítica a ambos os modelos, teórico e prático, de uma teologia descomprometida com a conversão das estruturas de pecado e com os processos desenrolados a partir destas teologias que fundamentam e perpetuam estas mesmas estruturas de morte. Como afirma em sua obra O Deus Crucificado:

> A memória da Paixão e da ressurreição de Cristo é, ao mesmo tempo, perigosa e libertadora. Ela ameaça uma igreja que está adaptada à política religiosa da sua época e a leva à comunhão com os sofredores da sua época. Ela liberta a igreja das políticas da igreja político-religiosas, para uma teologia cristã crítico-política (Moltmann, 2014, p. 403).

A reavaliação das posturas diante de diversos cenários antigos e novos que sempre apelaram à uma resposta coerente e reconfortante por parte dos teólogos e das comunidades de fé às quais servem, contêm a possibilidade de reescrever o esboço de libertação das estruturas antievangélicas. O desmascaramento das idolatrias nas instituições da sociedade, inclusive nas comunidades eclesiais, e a redefinição da

identidade da teologia como ponto de encontro e reverberação dos valores do Reino é tarefa da teologia contemporânea, partindo do encontro com a cruz.

No esteio de uma teologia política que rompe com o cativeiro da instrumentalização ideológica dela mesma e, por assim dizer, da fé, considerar a reflexão não polarizada entre as ideologias frequentemente em vigor nos variados partidos com narrativas que servem ao combustível da desconstrução do necessário respeito e promoção das diferenças, a religião não pode permitir-se ser cooptada a fim de eleger para si e para os outros supostos messias, ídolos, salvadores. Moltmann afirma assim que "a nova teologia política não está interessada com a dissolução da igreja na política de esquerda ou de direita, mas com a cristianização da sua situação política e a função em termos da liberdade de Cristo (Moltmann, 2014, p. 403)." Por isto "o domínio e o Reino de Deus não são mais refletidos nos domínios políticos e nos reinos mundanos, mas, à serviço de Cristo, que se humilhou ao ponto da morte na cruz (Moltmann, 2014, p. 403)".

A consideração do autor reside na ideia de que a teologia e a práxis eclesial não devem colaborar com uma agenda de manutenção de poderes institucionalizados e das ideologias que os fundamentam. Não cabem discursos que asseverem estratos de direita ou esquerda, ambos alienados de si mesmos, mas sim, alinhar ambos os discursos na lógica da graça, da justiça e da inalienável dignidade humana e de toda a criação. A crítica realizada pela teologia sobre si mesma e sua práxis no âmbito da comunidade de fé atua como reguladora preventiva da absolutização de qualquer espécie de poder opressor desumanizante impedindo que o Estado, o mercado e suas estruturas sejam divinizadas e entronizadas no panteão intocável dos supostos salvadores. Assim, o caminho da teologia outro não pode ser senão de lançar luzes que assegurem um espaço funcional político livre e libertador de todo cidadão, de um modo especial daqueles mais fragilizados e esquecidos pelo sistema.

4 UMA TEOLOGIA CRISTÃ POLITICAMENTE CLARA E COMPROMETIDA

O lugar da teologia política dentro do contexto do debate mais amplo dos fundamentos deste campo ainda está longe de ser estável, claro e capaz de influenciar contextos decisórios. Porém, a superação da ideia de uma teologia e de uma fé neutras podem ser uma possibilidade de diluir estas fragilidades e de construir uma reflexão que verdadeiramente fale à pessoa e às sociedades atuais. Nenhuma forma de ser é neutra. O silêncio ou a fala abonam alguma realidade e desacobertam outras tantas. Inseridas em contextos humanos concretos e construídos por estes mesmos agentes, tanto a teologia como a práxis que dela brotam reverberam uma realidade bem determinada e, por assim dizer, também determinantes. Influenciadas e influenciáveis, todas as afirmações contidas no grande constructo teórico e prático da comunidade de fé manifestam a autenticidade de seu ser cristão.

Moltmann recorda que "o Deus crucificado é, na verdade, um Deus sem Estado e sem classe social. Porém, isso não quer dizer que Ele seja um Deus sem política. Ele é o Deus do pobre, do oprimido e do humilhado" (Moltmann, 2014, p. 406), ou seja, encarnando-se na vida e história da humanidade concretamente, também assume sobre si o compromisso de resgatar a dignidade da criação subtraída pela manifestação do anti-reino. O cristo rompe radicalmente com os canais opressores do poder instituído que dominam e matam. A cruz assim torna-se a realidade reveladora da não-aliança com aqueles que marginalizam os que deveriam estar no centro. A acomodação, desta maneira, não deve compor o modo de ser da teologia e comunidade de fé que nela se fundamenta, mas sim deve assumir ativamente e consequentemente uma postura solidária e vicária em relação aos que sofrem injustiças, pois "o domínio do Cristo que foi crucificado por razões políticas só pode ser estendido por meio da libertação de formas de domínio que tornam o homem servil e apático e pelas religiões políticas que lhe dão estabilidade" (Moltmann, 2014, p. 406).

A teologia da cruz ilumina a teologia política de Moltmann quando subsidia uma leitura da realidade não apática, mas empenhativa e consequente pois "ela se coloca como uma hermenêutica da vida na situação da Paixão de Deus e, portanto, inclui tanto a prática, quanto a alteração da prática" (Moltmann, 2014, p. 406). Afasta-se, deste modo, qualquer possibilidade de condicionamento dogmático estático e desencarnado com critérios medidos pela mera especulação teórica. Restabelece-se a centralidade do Reinado de Deus por meio da incidência de uma práxis transformadora. Como afirma o teólogo: "O domínio do Cristo que foi crucificado por razões políticas só pode ser estendido por meio da libertação de formas de domínio que tornam o homem servil e apático e pelas religiões políticas que lhe dão estabilidade" (Moltmann, 2014, p. 406). Cabe considerar assim que nenhuma ideologia, mesmo que traga em sua estrutura valores pertinentes ao diálogo para a promoção do bem comum, não esgota nela mesma a capacidade de construir um imperativo ético que não torne perigosa a relação muito estreita entre Estado e Igreja em sua mútua subordinação. Assim, pode-se afirmar como Multmann:

> A hermenêutica política busca reconhecer as influências econômicas e sociais nas instituições teológicas e nas linguagens, a fim de levar o seu conteúdo libertador à dimensão política, tornando-as relevantes na verdadeira libertação do homem de sua miséria em certos ciclos viciosos (Moltmann, 2014, p. 391).

A teologia e a práxis, como dois movimentos de uma única realidade devem, pois, dar sentido ao seu modo de ser no espaço público não confundindo seu papel como uma sociologia, teoria econômica ou qualquer outra forma de construir o diálogo como o contrário disso que seria uma reflexão desencarnada, abstrata e de gabinete. Assim, o teólogo deve, por exemplo, levar em conta que "Jesus e seus discípulos anunciam aos pobres o futuro do reino de Deus porque reconheceram que o reino de Deus já pertence aos pobres" (Moltmann, 1992, p. 143). O compromisso objetivo com realidades que perfazem a trama da história humana e que precisam

ser repensadas e reconstruídas realocam o saber e fazer teológicos na possibilidade de escuta comprometida e fala autêntica.

> Mesmo aqui, nenhuma das chamadas "substâncias da fé" é perdida; em vez disso, a fé ganha substância em suas encarnações políticas e vence a sua abstração não cristã, que a mantém longe da situação presente do Deus crucificado. A teologia cristã deve ser politicamente clara, mostrando se está disseminando fé ou superstição (Moltmann, 2014, p. 391).

Longe do perigo sempre presente de construir abstrações, a encarnação nos contextos históricos confere à teologia uma clareza maior sobre si mesma, sobre a comunidade e os valores a quem serve e de onde nasce, além de abrir espaço para uma maior clareza do lugar na seara política. Para além de reducionismos fáceis, porém perigosos, cabe considerar aqui que "a política hermenêutica da fé não é uma redução da teologia da cruz a uma ideologia política, mas uma interpretação dela no discipulado político" (Moltmann, 2014, p. 390-391). No dizer de Moltmann, para longe de qualquer neutralidade que se preste à subordinação da teologia, da fé e da Igreja a lógicas de poder dominante e escravizador, gerador de morte e servidor do anti-reino "o Deus crucificado é, na verdade, um Deus sem Estado e sem classe social. Porém, isso não quer dizer que Ele seja um Deus sem política. Ele é o Deus do pobre, do oprimido e do humilhado" (Moltmann, 2014, p. 406). Neste sentido cabe considerar que

> A hermenêutica política não é apenas um desenvolvimento teórico da tradição, nem é alcançada somente em um nível ideológico e religioso. Ela se coloca como uma hermenêutica da vida na situação da Paixão de Deus e, portanto, inclui tanto a prática, quanto a alteração da prática (Moltmann, 2014, p. 406).

A teologia, portanto, não deve desembocar em idealismos teóricos ou tão somente numa retórica muito bem estruturada e irretocável, mas deve assumir postura não abstrata de suas proposições que leia a realidade e que acima de tudo concretize-se em ação que a justifique e credibilize a comunidade eclesial a fim de garantir presença de qualidade no espaço público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teologia política longe de atribuir à própria teologia lugar, tarefa, discurso e práxis que aparentemente seriam de outrem, recoloca o saber e fazer teológicos frente à oportunidade de dialogar com um espaço privilegiado para a vivência e implementação dos valores do Reino. Moltmann e sua teologia da cruz subsidiam este pensamento na medida que afasta da comunidade de fé o pecado do isolamento e autorreferencialidade que aferra a indiferença sobre as realidades que denigrem a pessoa humana e a obra da criação, podendo ainda mais comprometer-se negativamente com um legado de estruturas de morte que em épocas diversas foram alimentadas, justificadas e até promovidas pelo pensamento teológico e práxis eclesial.

A hegemonia cultural já não deve compor o horizonte da fé e muito menos o ideal de instrumentalização partidária como meio de garantia do favorecimento estatal sob o risco de subtrair o compromisso evangélico de libertação da pessoa humana e da criação. Mas também esta liberdade gerada por uma consciência crítica que reflete sobre esta mesma teologia não pode ser refém da falsa ideia de uma neutralidade descompromissada. Todo falar e todo calar carregam em si responsabilidades. Como toda teologia nasce, molda-se e serve à uma comunidade resta considerar o abandono da mesquinhez dos jogos políticos e assumir com clareza os valores do Reinado de Deus que promove o bem comum.

Como tarefa a ser desenvolvida, a fim de garantir fidelidade à memória da ação de Deus no mundo, o teólogo e a comunidade de fé devem sentir-se incomodados diante das realidades de opressão e das variadas escravidões assumindo, como Deus e com Deus, a luta pela libertação integral e integradora, não sem ter consciência e estar aberto às possíveis consequências desta opção.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em debate*: sobre o estatuto epistemológico da teologia. São Paulo: Paulus, 2024.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo:* cristologia em dimensões messiânicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2014.